

A MELODIA DA INCLUSÃO: MUSICOTERAPIA E NEUROPSICOPEDAGOGIA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Zélia Maria Melo de Lima Santos ¹

Lucas Alves do Espírito Santo ²

Gleice Souza da Silva ³

RESUMO

Este estudo, realizado durante o estágio institucional e clínico obrigatório do curso de Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Luso-Brasileira-FALUB, investigou as contribuições da musicoterapia no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A Musicoterapia é a utilização da música e/ou elementos (som, ritmo, melodia e harmonia), em grupo ou de forma individualizada, num processo para facilitar, e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. Com abordagem qualitativa e exploratória, a pesquisa utilizou questionários abertos como instrumentos de coleta de dados. Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2015). O estudo foi desenvolvido em um Centro de Terapias Integradas para pessoas com autismo em unidades dos municípios de Recife e Carpina, em Pernambuco. Os resultados indicaram que a musicoterapia desempenha um papel importante no avanço do conhecimento sobre as relações entre música, neurodesenvolvimento e habilidades sociais. Conclui-se que a musicoterapia atua como mediadora eficaz, promovendo avanços significativos nas habilidades comunicativas, sociais e cognitivas dessas crianças, e amplia as fronteiras da pesquisa nas áreas de neurociência e neuropsicopedagogia, consolidando-se como uma estratégia complementar no tratamento do TEA.

Palavras-chave: Musicoterapia, Neuropsicopedagogia, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Inclusão.

INTRODUÇÃO

A motivação para esta pesquisa surgiu da experiência vivenciada durante o estágio clínico no curso de Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Luso-Brasileira, ao observar as questões relacionadas ao acompanhamento de

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Professora dos Cursos de Letras e Pedagogia e Coordenadora Pedagógica do Núcleo de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Faculdade Luso Brasileira – FALUB, zeliammelo@hotmail.com;

² Mestre em Educação pela Universidade de Pernambuco - UPE, Professor do Curso de Pedagogia da Faculdade Luso Brasileira – FALUB, lucasalves020@hotmail.com;

³ Psicóloga e Neuropsicopedagoga pela Faculdade Ciências Humanas de Olinda - FACHO, Professora da Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica da FALUB, gleice76@gmail.com.



crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto clínico e terapêutico.

Durante essa vivência, tornou-se evidente a necessidade de adotar abordagens diversificadas para atender às demandas específicas dessas crianças, visando ao desenvolvimento integral e à plena participação no ambiente escolar. A música, reconhecida como uma linguagem universal, tem se mostrado uma ferramenta eficaz, especialmente quando aplicada em conjunto com a Neuropsicopedagogia, favorecendo a comunicação e o aprendizado de crianças com TEA.

A partir dessa experiência, surgiram questões sobre o impacto dessas práticas na promoção da autonomia, das habilidades sociais e da comunicação das crianças com TEA. Perguntas como: "A musicoterapia pode ser eficaz no desenvolvimento da linguagem e na regulação emocional dessas crianças?" e "Como a Neuropsicopedagogia pode contribuir para a construção de estratégias pedagógicas mais inclusivas e individualizadas?" motivaram a investigação das possibilidades oferecidas por essa abordagem multidisciplinar.

O objetivo desta pesquisa foi investigar como a musicoterapia contribui para o desenvolvimento infantil, com foco especial em crianças com TEA, e analisar o impacto dessa abordagem terapêutica, amplamente reconhecida por seus potenciais benefícios. Os objetivos específicos incluíram identificar as interações entre a musicoterapia e o TEA; avaliar como a musicoterapia auxilia no tratamento de crianças autistas; e divulgar a musicoterapia como uma estratégia dinâmica de intervenção.

A inclusão de crianças com TEA no contexto educacional e social é um desafio constante, que exige novas metodologias e terapias para garantir um desenvolvimento saudável e pleno. Nesse cenário, a combinação de musicoterapia e neuropsicopedagogia surge como uma proposta inovadora e promissora, oferecendo um suporte integral às necessidades cognitivas, emocionais e sociais dessas crianças. A música, com sua capacidade única de conectar diferentes aspectos do ser humano, aliada a estratégias pedagógicas que consideram as especificidades neuropsicológicas, pode ser uma chave fundamental para o avanço da inclusão.

Portanto, a integração da musicoterapia e da neuropsicopedagogia pode oferecer respostas inovadoras aos desafios da inclusão escolar, uma vez que ambas as práticas promovem estímulos sensoriais, emocionais e cognitivos, contribuindo significativamente para o desenvolvimento das habilidades de comunicação, interação



social e aprendizado nas crianças com TEA. A musicoterapia, ao utilizar a música como ferramenta terapêutica, e a neuropsicopedagogia, ao focar nos aspectos neurológicos e cognitivos do processo de aprendizagem, juntas têm o potencial de potencializar o processo de inclusão, proporcionando às crianças oportunidades de avanço mais significativas.

METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa foi investigar como a musicoterapia contribui para o desenvolvimento infantil, com foco especial em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e analisar o impacto dessa abordagem terapêutica, amplamente reconhecida por seus potenciais benefícios. Os objetivos específicos incluíram identificar as interações entre a musicoterapia e o TEA, avaliar como a musicoterapia auxilia no tratamento de crianças autistas e divulgar a musicoterapia como uma estratégia dinâmica de intervenção.

Adotando uma abordagem qualitativa e exploratória, a pesquisa teve como finalidade compreender as práticas e os efeitos da musicoterapia no tratamento de crianças com TEA. Para a coleta de dados, foram utilizados questionários abertos com musicoterapeutas. A técnica de análise de dados utilizada foi a Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2015).

A pesquisa foi realizada no contexto de uma instituição de terapias integradas para crianças com Transtorno do Espectro Autista, localizado em Pernambuco, com unidades nos municípios de Recife e Carpina. A instituição, fundada em 2020, destaca-se por sua missão de promover a inclusão e o desenvolvimento integral de crianças com TEA, oferecendo uma gama de terapias e serviços, como Análise do Comportamento Aplicada (ABA), Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), Musicoterapia, Fonoaudiologia, Psicopedagogia, Terapia Ocupacional, Equoterapia e Integração Sensorial entre outros.

Além das terapias, a instituição promove projetos sociais, como colônias de férias, treinamentos empresariais e atividades de integração familiar, que visam fortalecer os vínculos familiares e sensibilizar a sociedade para a importância da inclusão social. Essas iniciativas ampliam o impacto da organização em Pernambuco, consolidando-a como referência no atendimento a crianças com TEA. O diferencial da instituição está em sua



abordagem multidisciplinar, que integra diversas terapias para atender às necessidades individuais das crianças. A combinação de técnicas, como a musicoterapia com a fonoaudiologia e a terapia ocupacional, promove avanços significativos nas áreas de comunicação, comportamento e habilidades sociais. Esse modelo integrado segue diretrizes apontadas por estudos como os de Gattino et al. (2011) e Sampaio et al. (2015), que destacam a eficácia das práticas interdisciplinares no desenvolvimento integral de crianças com TEA.

A pesquisa contou com a participação de três musicoterapeutas qualificados, que utilizam a música como ferramenta terapêutica para estimular o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças atendidas. A atuação desses profissionais vai além do ambiente clínico, pois também está alinhada aos projetos comunitários promovidos pela instituição, que valorizam a inclusão e o fortalecimento da rede de apoio às famílias. A pesquisa seguiu rigorosamente princípios éticos, garantindo a confidencialidade e o anonimato dos participantes, e obteve o consentimento informado dos musicoterapeutas antes da coleta de dados.

MUSICOTERAPIA NA PERSPECTIVA DA NEUROPSICOPEDAGOGIA

A Neuropsicopedagogia, que surgiu da fusão da neurociência, psicologia e pedagogia, é relevante para todos, mas desempenha um papel especialmente importante para pessoas com TEA e outros transtornos. Isso se deve ao fato de que os profissionais dessa área podem utilizar o conhecimento sobre o funcionamento cerebral para auxiliar no desenvolvimento e na aprendizagem dessas crianças. A música, por sua vez, é um fenômeno presente em todas as culturas conhecidas e, desde a antiguidade, tem sido considerada uma forma de expressão universal. Koelsch (2009) destaca que a música é utilizada em diversos contextos, desde experiências de entretenimento até expressões de consciência social e crenças religiosas, além de ter o poder de acalmar e manter a atenção de indivíduos agitados.

Segundo Silva Júnior (2008), o uso da música como terapia, ou musicoterapia, ganhou destaque na segunda metade do século XX, especialmente em decorrência das devastadoras consequências físicas, emocionais e psíquicas da Primeira Guerra Mundial. Esse contexto levou ao início de pesquisas sobre os efeitos relaxantes e sedativos da música.



A musicoterapia utiliza experiências musicais para criar conexões, tanto entre os pacientes quanto com o mundo ao seu redor. Para que o processo terapêutico seja eficiente, é fundamental que a música, o paciente e o terapeuta estejam envolvidos em um planejamento terapêutico sistemático, com objetivos definidos pelo terapeuta. Esses objetivos devem ser estabelecidos dentro de uma metodologia específica, visando resultados concretos. Assim, de forma indireta ou direta a prática musical pode ser extremamente benéfica para o desenvolvimento humano (Bruscia, 2000).

De acordo com Tomaino (2014), estudos clínicos mostram que os elementos musicais (melodia, ritmo, harmonia, timbre, dinâmica e forma) podem impactar os processos cognitivos, afetivos e sensorio-motores do cérebro, permitindo seu uso em fins terapêuticos não musicais. Nesse contexto, é crucial ressaltar a importância de uma equipe multidisciplinar para auxiliar o paciente em diversas áreas de sua vida. Barreto e Chiarelli (2005), afirmam que as atividades propostas na musicoterapia podem favorecer a inclusão de crianças com deficiências (PCDs), pois impactam o estado emocional, os processos cognitivos e o desenvolvimento social, além de oferecer um espaço para novas aprendizagens. O caráter lúdico da musicoterapia, livre de cobranças, proporciona um ambiente agradável e estimulante para as crianças.

A Lei nº 14.842/2024 regulamenta a prática da musicoterapia no Brasil, estabelecendo requisitos para a atuação profissional e garantindo a qualidade dos serviços prestados. A legislação exige que os profissionais tenham graduação em Musicoterapia reconhecida pelo MEC, além de pós-graduação ou experiência mínima de cinco anos na área.

No contexto da instituição analisada, a conformidade com a Lei nº 14.842/2024 é um dos pilares de sua atuação. A regulamentação reforça a importância da musicoterapia como parte de uma abordagem terapêutica integrada, comprovadamente eficaz no desenvolvimento de habilidades de comunicação, interação social e bem-estar emocional em crianças com TEA. Essa legislação não apenas promove a profissionalização da área, mas também estabelece um marco importante para a valorização e expansão da musicoterapia no Brasil, beneficiando diretamente as crianças atendidas e suas famílias.

A Neuropsicopedagogia é uma ciência transdisciplinar, fundamentada nos conhecimentos da Neurociência Aplicada, investiga a relação entre o cérebro e a aprendizagem, visando a reintegração individual, social e escolar, conforme descrito pela



Sociedade Brasileira de Neuropsicopedagogia. Essa abordagem procura capacitar os educadores para que compreendam melhor o funcionamento cerebral das crianças e o processamento das informações.

A música é recomendada como uma abordagem Neuropsicopedagógica para atender às necessidades de desenvolvimento das crianças em idade escolar com autismo, considerando suas necessidades de sensibilidade, criatividade, diversão, interação social, vitalidade e comunicação. A música tem a capacidade de potencializar a aquisição de habilidades fundamentais para o desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional, estimulando conexões neurais e aumentando o período de sobrevivência dos neurônios (Tarriconi, 2016).

Nesse sentido, são claras as mudanças que os estímulos musicais provocam nas pessoas, não apenas na obtenção de habilidades cognitivas e socioemocionais, mas também na estrutura física do cérebro (Tarriconi, 2016). A autora afirma que o aumento da sobrevivência de neurônios e as sinapses induzidos pela música são resultados da plasticidade cerebral, que é a capacidade do cérebro de se adaptar às necessidades que surgem ao longo da vida (Tarriconi, 2016). Além da arte, a música é essencialmente uma linguagem universal que pode ser usada em qualquer cultura desde tempos remotos.

Tarriconi (2016) menciona um estudo que examinou a relação entre a consciência fonológica e as habilidades musicais, apontando que:

Existe um compartilhamento de mecanismos auditivos e/ou cognitivos entre a música e a linguagem, envolvendo habilidades musicais e a consciência fonológica, evidenciando contribuições relevantes para os estudos sobre desenvolvimento infantil e transferências cognitivas" (Araújo, 2010 apud Tarriconi, 2016, p. 109).

Como a música é traduzida como linguagem, arte e cultura, é razoável destacar que também é uma atividade recreativa, fundamental na educação para promover o prazer, o interesse, e o potencial de criatividade, interação social e comunicação. Portanto, é evidente que a música é essencial para o desenvolvimento integral dos indivíduos, independentemente de sua condição neuro típica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

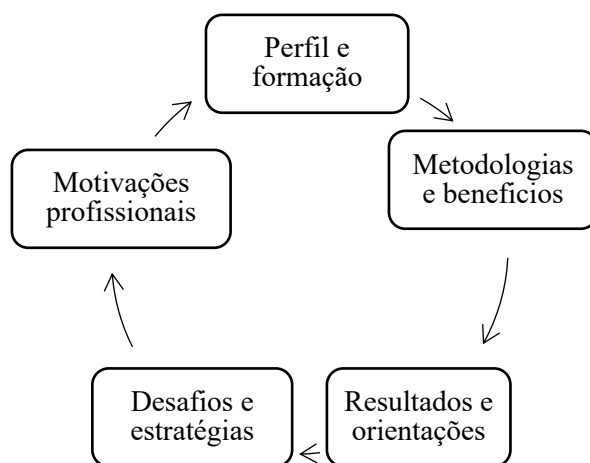
Os resultados dos questionários aplicados aos três musicoterapeutas foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin



(2015). Essa abordagem permite organizar e interpretar os dados qualitativos de forma sistemática, identificando tanto recorrências quanto aspectos específicos nas respostas. Em respeito às questões éticas da pesquisa, os musicoterapeutas participantes serão identificados como M.1, M.2 e M.3.

Para facilitar a compreensão dos resultados, a análise será organizada em categorias temáticas, alinhadas aos objetivos do estudo e às respostas obtidas, conforme apresentado na figura a seguir.

Figura 1- Categorias temáticas de análise dos questionários



Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Na categoria perfil e formação dos musicoterapeutas, os relatos dos profissionais revelam aspectos significativos sobre a formação acadêmica, a motivação pessoal e a experiência que moldam o perfil dos musicoterapeutas que atuam com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essas falas oferecem uma visão sobre como a formação e a prática se entrelaçam no contexto da musicoterapia para o TEA.

O participante M.1 compartilhou sua motivação pessoal para ingressar na área, destacando a conexão emocional com a música como um fator crucial: *“Eu sempre senti uma conexão profunda com a música, mas foi no contato com crianças com TEA que percebi o quanto a música pode ser uma linguagem universal, que quebra barreiras.”* Esse depoimento reflete a crença no potencial da música como uma ferramenta poderosa para promover a comunicação e a expressão emocional.

O participante M.2 ressaltou a importância da formação acadêmica e a busca por especialização: *“Na graduação, senti falta de uma abordagem mais voltada para o*



autismo. Por isso, busquei me especializar em musicoterapia e autismo logo após concluir meu curso.” Esse relato sublinha a necessidade de uma formação que contemple as particularidades do TEA, algo que é enfatizado por Bruscia (2000), que defende uma formação diversificada e contínua para musicoterapeutas, com especial atenção para as abordagens direcionadas a populações com necessidades específicas.

O participante M.3 fez uma reflexão sobre os desafios encontrados no início da carreira: *“A experiência prática durante a graduação não foi suficiente para lidar com as complexidades do TEA. Só depois de anos de prática e cursos especializados é que me senti realmente preparado.”* Esse depoimento aponta para a importância da prática contínua e da educação pós-graduada.

Ainda sobre a formação, o participante M.1 destacou a flexibilidade necessária no trabalho com crianças com TEA: *“Cada criança é única, então o que funciona para uma pode não funcionar para outra. Por isso, busco sempre adaptar minhas abordagens e ter uma escuta sensível às necessidades de cada um”.*

O participante M.1 compartilhou que a motivação inicial para seguir a carreira de musicoterapeuta surgiu de sua conexão pessoal com a música: *“Desde criança, sempre fui apaixonado por música, mas foi ao me deparar com o potencial da musicoterapia no tratamento de crianças com TEA que encontrei meu verdadeiro propósito.”* Este depoimento reflete o que Gatti (2006) aponta sobre a busca por uma profissão que alinhe habilidades pessoais com o desejo de atuar em áreas com impacto social significativo. O relato de M.1 destaca a força da identificação pessoal com a prática da musicoterapia e o reconhecimento de sua eficácia terapêutica no contexto do autismo, mostrando como a afinidade com a música pode se tornar um motor de transformação para a vida de crianças com TEA.

O participante M.2 mencionou que a escolha pela musicoterapia teve uma base pragmática, mas também foi intensificada por um desejo de aprofundar conhecimentos específicos: *“A música sempre fez parte da minha vida, mas foi durante a graduação que percebi a lacuna no entendimento sobre o TEA. Isso me motivou a buscar uma formação que unisse esses dois mundos.”* O que o participante compartilhou corrobora com as observações de Almeida (2017), que destaca a crescente busca dos profissionais pela especialização para lidar com as especificidades do autismo e outras condições. A falta de uma abordagem direcionada ao TEA na graduação, que o participante M.2 aponta, é



um desafio comum que leva os profissionais a buscar capacitações adicionais, de forma a se prepararem melhor para a realidade do trabalho terapêutico. A escolha de M.2 é um reflexo de um movimento mais amplo de profissionais que se veem impelidos a investir em uma formação contínua, uma vez que as abordagens teóricas e práticas podem ser insuficientes para lidar com a complexidade do autismo.

Por sua vez, M.3 refletiu sobre como a experiência prática ao longo da carreira reforçou sua escolha: *“No começo, eu estava muito inseguro, pois a musicoterapia exigia um conhecimento profundo das necessidades do TEA. Mas, com o tempo, vi a transformação das crianças e isso me deu certeza de que estava no caminho certo.”* A fala de M.3 resgata o conceito defendido por Lemos (2011), que sublinha a importância da prática contínua no processo de profissionalização da musicoterapia. Para Lemos, a experiência direta com os pacientes, aliada à formação acadêmica, é essencial para que o musicoterapeuta se sinta preparado para lidar com as complexidades do tratamento, como ocorre no caso das crianças com TEA. A segurança que M.3 encontrou ao longo da prática reflete o valor da experiência vivida como fonte de aprendizado, que contribui para aprimorar a atuação do profissional.

No caso dos participantes M.1, M.2 e M.3, essa busca por uma atuação mais especializada foi um fator comum e revelou a importância de a formação acadêmica ser complementada com a experiência prática e o aprendizado contínuo.

Na categoria metodologias e benefícios, os resultados revelaram uma variedade de abordagens utilizadas pelos musicoterapeutas no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O participante M.2 afirmou: *“Eu sempre busco integrar instrumentos de diferentes timbres, porque percebo que certas crianças se conectam mais com sons específicos. Alguns respondem melhor ao som grave do tambor, enquanto outros são mais atraídos pelos sons agudos de xilofones.”* Esse depoimento ilustra como a música pode atuar como um veículo de estímulo sensorial, proporcionando uma forma não verbal de comunicação e favorecendo a expressão emocional da criança.

Outro ponto destacado pelos profissionais foi a importância do uso da música como uma forma de reduzir a ansiedade e proporcionar um ambiente relaxante. O participante M.1 afirmou: *“Quando trabalhamos com a música, conseguimos criar um clima de segurança e previsibilidade para as crianças, o que é fundamental para aqueles*



que têm dificuldades com mudanças no ambiente”.

Na categoria "Desafios e Estratégias", os questionários com os musicoterapeutas revelaram uma série de obstáculos enfrentados no trabalho com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), além das estratégias que utilizam para superá-los. Esses desafios são muitas vezes relacionados à singularidade de cada criança, às dificuldades de comunicação e ao processo de adaptação das abordagens terapêuticas.

Um dos principais desafios identificados pelos participantes foi a diversidade de comportamentos e respostas das crianças. O participante M.1 relatou: *“Cada criança tem seu próprio ritmo, suas próprias formas de reação. Em muitos casos, os comportamentos inesperados podem ser um desafio, como a dificuldade em lidar com sons mais altos ou com mudanças rápidas na atividade.”*

Outro desafio mencionado pelos participantes foi a resistência à interação social. O participante M.2 compartilhou: *“Algumas crianças têm grande dificuldade em interagir com os outros, seja com os colegas de terapia ou com os próprios terapeutas. Superar essa resistência e ajudá-las a se abrir para as atividades em grupo é um dos maiores desafios que enfrento.”* Esse relato ilustra uma dificuldade comum para os profissionais que lidam com o TEA: a dificuldade das crianças em estabelecer conexões sociais.

Em relação ao desafio de integrar atividades coletivas, o participante M.2 sugeriu que é essencial criar atividades progressivas, começando com interações mais simples e aumentando a complexidade gradualmente. *“Primeiro, buscamos atividades em que a criança interaja de forma mais individual, com o terapeuta, e depois vamos integrando mais pessoas ao processo. Isso ajuda a criança a se sentir segura e, com o tempo, ela vai se abrindo para interagir com os outros.”*

Por fim, o participante M.3 ressaltou a importância de um trabalho conjunto com outros profissionais, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, como estratégia para superar desafios. *“Quando conseguimos integrar o trabalho com outros profissionais, conseguimos potencializar os resultados.”*

Na categoria "Resultados e Orientações às Famílias", os musicoterapeutas destacaram a importância dos resultados obtidos nas terapias, tanto para o desenvolvimento das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) quanto para o fortalecimento do apoio familiar.



O participante M.1 observou que os resultados da musicoterapia podem ser visíveis em várias áreas do desenvolvimento infantil, como a comunicação e a expressão emocional. *“É impressionante como as crianças começam a se comunicar de maneira mais clara através da música. A linguagem não verbal é uma grande aliada no trabalho com elas.”*

O participante M.2 complementou essa visão, ressaltando a relevância do desenvolvimento emocional das crianças ao longo do processo terapêutico: *“Com o tempo, muitas crianças passam a expressar suas emoções de forma mais aberta. A música cria um espaço seguro onde elas podem explorar seus sentimentos sem medo de julgamento.”* A música, ao proporcionar um espaço de expressão livre e segura, permite que as crianças desenvolvam uma maior compreensão de seus próprios sentimentos e uma maneira mais eficaz de comunicá-los.

O participante M.3 enfatizou a necessidade de envolver os familiares no processo terapêutico: *“É fundamental que as famílias entendam o processo. Elas precisam saber como podem aplicar algumas das técnicas ou atividades em casa, para que o desenvolvimento da criança continue fora das sessões.”* Essa fala evidencia a importância da participação ativa das famílias no tratamento, uma vez que a continuidade e a repetição das atividades fora do ambiente terapêutico são essenciais para o progresso das crianças. Orientações claras e práticas para os pais ajudam a maximizar os benefícios das terapias.

O participante M.1 também discutiu a necessidade de fornecer informações sobre as expectativas realistas para o tratamento: *“É importante que as famílias compreendam que os resultados podem variar*

Outro aspecto importante mencionado pelos participantes foi o apoio emocional às famílias. O participante M.2 afirmou: *“As famílias também precisam de apoio emocional. O trabalho terapêutico com crianças com TEA muitas vezes é desafiador, e os familiares podem se sentir sobrecarregados. Por isso, orientamos sobre como cuidar também do bem-estar deles.”* A preocupação com o bem-estar dos familiares é um aspecto essencial do tratamento, pois o estresse e a sobrecarga emocional dos pais podem impactar negativamente o progresso das crianças.

Em relação ao papel das famílias na continuidade do tratamento, o participante M.3 acrescentou: *“É importante que os pais reconheçam a importância do seguimento terapêutico contínuo. Se a criança não continuar com as atividades em casa, muitos dos*



avanços podem ser perdidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A combinação da Neuropsicopedagogia e da Musicoterapia estabelece um modelo transdisciplinar altamente eficaz, no qual a música é reconhecida não apenas como uma forma de expressão artística, mas também como uma poderosa ferramenta terapêutica. A aplicação conjunta dessas abordagens oferece uma educação mais inclusiva e humanizada, atendendo de forma mais precisa às necessidades das crianças com TEA e ampliando os benefícios do tratamento. A divulgação dessas práticas integradas pode, assim, aumentar o acesso a tratamentos eficazes e acessíveis, promovendo uma sociedade mais inclusiva e proporcionando uma melhor qualidade de vida para as crianças com TEA e suas famílias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2015.

BRASIL. **Lei nº 14.842, de 22 de agosto de 2024**. Regulamenta a prática da musicoterapia no Brasil e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 ago. 2024. Disponível em: <URL>. Acesso em: 13 out. 2025.

GATTINO, G. C. et al. Musicoterapia e autismo: uma abordagem multidisciplinar. **Revista Brasileira de Terapias e Educação Especial**, v. 17, n. 1, p. 23-37, 2011.

KOELSCH, S. A **Neuroscientific Perspective on Music Therapy**. Ann. N. Y. Acad. Sci., v.1169, p. 374-384, 2009.

SILVA JÚNIOR, J. D. A utilização da música com objetivos terapêuticos: interfaces com a bioética. 2008. **Dissertação** (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

TARRICONI, M. G. Tese na Faculdade de Saúde Pública da USP. 2016.

TOMAINO, B. Doutoranda em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). 2014.

